

A Princezinha



MARGARIDA COMERT

Eu era então uma princezinha. Não penseis por isso que nasci nas grades de um throno. Não. Eu era uma princezinha apenas porque vivia com minha avó e uma antiga criada sua, a quem chamavamos Fanny. Minha avó e Fanny ostentavam grandes coisas negras, mas diferentes uma da outra, e sobretudo muito diferentes dos insolentes gorinhos usados pelas avós de hoje, que não temem os cabelos curtos nem as criadas que tocam com ellas...

Eu era uma princezinha.. Não tinha que occupar-me nem preocupar-me com coisa alguma. Os que me rodeavam haviam de se preocupar com meus gostos e fazer com que não me faltasse nada. E até que extremo o faziam! A hora da merenda era particularmente prazenteira.

—Queres mel... nozes... pêras... maçãs?...

Eu queria de tudo, ou pouco menos. Pedia um pouco de mel antes de decidir-me pelas fructas, e, com uma rabanada de pão na mão, conseguia que me abastecessem os bolsos. Em um, nozes, em outro, maçãs...

Residiamos em uma ampla casa rodeada de tres jardins. O da frente estava separado da rua por uns muros de regular altura cobertos de trepadeiras. O segundo, entre a cozinha e o curral, era dedicado ao cultivo de hortaliças. O maior de todos, situado por traz do sitio, descia, em escadas ou terraços successivos, até o rio, onde, fechado por uma grade, deixava vêr através dos ferros as arvores que se inclinavam sobre a agua.

Eu brincava nos tres jardins, e quando tinha vontade entrava na casa e abria todas as portas, inclusive a de um quarto deshabitado que só se limpava uma vez por anno, no dia da limpeza geral, quando as duas sobrinhas de Fanny iam ajucal-a e remexiam a casa de cima abaixo.

Eu dava volta á chave com preocupação, e empurrava devagarinho a porta do quarto abandonado... e, na ponta dos pés, vagava pela penumbra que as madeiras erradas conservavam da manhã ás noite em todo o tempo. A tia Clara, que outr'ora dormiu ali, da moldura ovalada de seu retrato, seguia-me com a vista, como que vigilante e receiosa.

Uma vez a avó me surpreendeu ao sahir desse quarto onde

morreu tia Clara, e, com lagrimas nos olhos, perguntou:

—Que foste fazer ahi? Não tens medo? Si é tão triste esse quarto!...

Não respondi. Fôra-me impossível explicar que para mim não havia nada triste. Eu não conhecêra a cara vivente dessa tia que Deus levára... e sabia respirar sem tristeza o suave perfume da morta, ali existente. Não. Para

mim não havia nada triste. Todas as manhãs meu despertar me abria uma festa: ou era o sol que dourava o quarto, ou era a chuva que, cahindo no jardim, punha mais verdes as plantas e enchia aquelle sitio de caracões, ou era ainda o tempo nublado que reinava — o querido tempinho que me promettia tantas cousas.

Si a avó notava que eu me aborrecia, ora me lia contos, ora me levava consigo em visita a casas de senhoras que me mimariam tirando de algum armario os brinquedos de seus antigos filhos... E si não tivessem filhos, mandariam buscar p a s t e i s em casa de Garrimout, que era o melhor confeitiro do lugar.

De qualquer maneira, me distraham ou davam presentes. Si eu estava inquieta, cantavam para que eu adormecesse, á espera de outro bom dia.

Eu era uma princezinha. Pela manhã, as duas mulheres se occupavam ao mesmo tempo de minha toilette. A avó me penteava o cabelo, enquanto Fanny me amarrava os sapatos. E uma vez prompta, me davam um lenço limpo... um lenço immaculado, que não o ficava assim muito tempo. Frequentemente Fanny me tirava do bolso em um estado que a fazia surpirar e dizer:

— Veja, senhora, si não é uma vergonha!...

— Então a avó me explicava, sem asperzeza:

— Um lenço, minha filha, não é uma toalha, e depois de brincar com a terra, a primeira cousa que uma menina deve fazer é lavar-se...

Só uma vez a vi nebulosa. Um entardecer frio fizera-me espirrar varias vezes.

— Vamos, que esperas para assoar-te? — disse a avó.

Eu retorcia em meus dedos um pobre lenço cõr de barro.

— E' que eu procuro um lugar branco, avózinha.

— Vamos, depressa, menina. Seu aspecto de desapatamento ao dizer isso me feriu de tal maneira que me afastei, correndo.

Quando voltei, com o nariz devidamente limpo, a avó me perguntou, já sorrindo:

— Enião? Já encontraste o lugar branco?

— Sim, avózinha... Encontrei um lugar branco... Nas cortinas da sala...

PRO-LAZAROS

A cidade váe assistir neste mez de Outubro que começa, á uma das festas de caridade que mais sympathias merecem: «O dia das Margaridas».

Promove-o, de annos a esta parte, um grupo de senhoras da nossa elite procurando donativos para os infelizes leprosos do Hospital de Santo Amaro. E todos os annos a philantropio do nosso povo se tem feito patenteiar prestigiando esta festa do coração e da bondade pelo muito do amparo que ella merece. «O dia das Margaridas», já se tornou um habito no Recife.

E um habito que a gente tem o dever de abençoar porque e destes que só proporcionam beneficios. E numa occasião destas é que a imprensa deve appellar, com enthusiasmo para os sentimentos humanitarios de todos dizendo-lhes do dever em concorrer com uma esportula, por menor que seja, para esta campanha de tão utilissimos fins. Assim, vamos ter em breve «O dia das Margaridas». A cidade cortada de grupo de «vendeuses» á recolher a esmola de uns e a esmola de outros para beneficiar aquelles que soffrem no leito de um hospital os horrores de uma molestia terrível.

Esperemos, pois, com o coração aberto «O dia das Margaridas».

ma com a ocorrência. Imaginem numa população reduzida e pachorrenta como a de Palma, esse acontecimento inedito: os lavradores deixaram de vir ao mercado. Que teria acontecido? Ao cabo de innumeras conjecturas, cada qual mais disparatada, chegaram a esta conclusão: lavradores haviam feito greve. Greve! e esta palavra tremenda, com seu cheiro acre a barulho e polvora, começou a fazer fermentar a imaginação dos mallorquios. É preciso conhecer Mallorca --- a sua população ordeira, pacata, tradicionalista e somnolenta, de articulações mentaes enfiuradas, inimiga de emoções, não se conformando com aceitar da vida mais que o monotono ramerrão de todas as horas --- para se compreender que sillueta pavorosa e idéa de greve desenhava na mente daquella população simples e bôa.

Alguns cidadãos mais impulsivos, temperamentos a Tartarin, chegaram a embarcicar as portas, permacendo num vão de janella de escopeta em punho, na perspectiva de um assalto dos verdadeiros insurrectos.

O governador da ilha tomou providencias, a guarnição ficou a postos e um vento de bellicosidade chicoteou a região, que viveu algumas horas a vida intensa de Quinquedone, quando hospedava o dr. Ox.

Finalmente, tudo se aclarou. Tudo se aclarou, não --- apenas os espiritos foram voltando á quietude habitual á medida que, nos dias subsequentes, os pobres verdureiros, humilhados e atonitos, continuaram a levar regularmente ao mercado suas aboboras e pepinos. Porque até hoje em Mallorca, não se chegou a uma conclusão do que poderia ter acontecido. Os agricultores referem-se sempre ao drama daquella noite como a obra do demonio e na cidade, quando se volta a falar nesse successo extraordinario, alguns mallorquios mais desconfiados e difficeis de se deixarem levar, sacodem a cabeça e murmuram: «Éstes verdadeiros *qué picaros!*» E nada os convence de que os pobres agricultores não sejam homens perigosos. Que houve tentativa de greve --- ninguem no pôde duvidar. E naturalmente não consumaram as violencias premeditadas por se haverem inteirado em tempo --- felizmente para elles! da resistencia que seria opposta.

A anedota do doutor Juan causou pouca sensação. De um homem tão via-

jado, com fama de ter corrido aventuras sensacionaes, o incidente, inquestionavelmente interessante, mas banal para aquella sociedade viciosa e «blasée», dos verdadeiros grevistas «malqué eux», deixou os assistentes frios.

— Ora, murmurou madame Lebrão, tapoteando com a mãozinha aristocratica um bocejo muito vulgar, pensei que o doutor nos fosse contar algo que nos bolisse com os nervos. Essa historia de verdureiros com mulas amestradas está muito bôa para creanças.

Todos riram. Ninguem se escandalizava com as costumeiras impertinencias de madama Lebrão, cuja carinhã petulante e «éffrontée», de uma éffronterie» delicada e «mutine», permittia-lhe transformar com um sorriso ou um piscar de olhos desafiosos em graças.

O dr. Fitz Simon não se perturbou.

— Minhas senhoras, nada mais facil ser-me-ia do que contar-lhes cousas terriveis, dessas que empallidecem ainda mais vossas alvas frentes. Metade da minha vida

A PILHERIA

Revista mais antiga do Norte do Brasil

A correspondencia, bem como a remessa de dinheiro (por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á

A Pilheria, S. A.

Redacção e officinas proprias.

39—Rua Visconde do Rio Branco—39

Recife - Pernambuco

Autophone 2.5.1.5

Acceptam-se trabalhos avulsos de qualquer natureza

Christovão de Camargo.

A PILHERIA

Revista semanal

Propriedade da S. A. "A PILHERIA"

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Ramos Leal
Alfredo Porto da Silveira
Eugenio de M. P. Barreto

Assignaturas :

Brasil—1 anno	48\$000
6 mezes	25\$000
Exterior—1 anno	65\$000
6 mezes	45\$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas.

A "A Pilheria" circula aos sabbados

O doutor Joan Fitz Simon começou a narrativa das suas viagens.

— Em Palma de Mallores, illhas Baleares, passei dias muito divertidos.

E contou, entre outras cousas, o seguinte :

Por uma estrada que une o «pueblo» de Valldeposa á cidade, pequenos agricultores, aproveitando a fresca da noite, levam elles mesmos ao mercado, numa carroça, os productos da sua lavoura.

Esses vehiculos são puxados por mulas, que de tão acostumadas fazem aquelle eterno trajecto com absoluta precisão e segurança, sem necessitarem de cocheiro que as oriente e guie. O conductor aproveita essas admiráveis disposições das suas azevolas para dormir o tempo todo.

Uma vez, por uma linda noite de lua, resolvemos sair a passeio pela estrada até nos viesse o somno. Eu estava hospedado no «predio» --- nome por que lá se conhecem as fazendas, de um senhor Pons, pae de tres incomparáveis meninas, cujos encantos me retiveram na ilha mais tempo do

que esperava. Tal era a suggestão que em mim exerciam essas deliciosas continuadoras de Eva, que devido a ellas fracassou o meu caprichado programma de visita ás principaes capitães europeas. Si me quizesse estender sobre este ponto, teria materia para entretel-os algumas horas. Prefiro não me desviar do assumpto.

Saimos pela estrada nós quatro, isto é --- cinco, que um garoto, irmão das meninas nos acompanhava.

De vez em quando, encontravamos uma carroça de verduras, com seu cocheiro conscienciosamente adormecido. Foi quando me contaram a prudencia e sabedoria das mulas, conhecedores escrupulosos.

Deveres, aliás, faceis de cumprir e que não exigiam uma distensão exagerada de intelligencia. Collocados em ordem, não tinham mais que seguir o caminho até a cidade.

Eu tive uma idéa que me pareceu estúpida; dar volta aos burros e collocal-os em direcção opposta, isto é, com a frente para o ponto de partida, e fazel-os andar. Assim fiz com o primeiro. O pobre burro --- parece que os burros mallorquis não comprehendem uma brincadeira --- lá foi seguindo sem protesto a nova direcção. O cocheiro --- moita, no seu somno desenfreado.

O exito da pilheria foi enorme. Comecei a espevitar-me. As senhoras sabem do que é capaz um homem que deseja ser espiritoso quando ha mulheres.

Fiz o mesmo com o segundo burro e dali a pouco a minha pilheria estava transformada num sport systematizado, em que nós todos nos empenhávamos com ardor.

Por fim, como não passassem mais carroças, e estivessemos cansados e pestanejantes de somno, voltamos para casa, rindo da cara que fariam no dia seguinte os pobres camponios ao acordarem no terreiro da fazenda, quando haviam partido na vespera em demandando do mercado)

O meu estouvamento, posto que não tivesse tido consequencias graves, deu resultados imprevistos.

No dia seguinte, não houve mercado, «faute de concurrente». A população ficou sem verdura e, o que é peor, alarmadissi-

CONVERSA FIADA

Collaboração

POESIA

TALVEZ...

A LINCOLN M. LIMA

Aqui está o seu retrato...

Além
as nuvens e os morros
celebram as suas bôdas singulares...

Que abraço suave, muito branco
d'aquella alva noiva ao Boa-Vista!
Como sabem amar
os Corcovados e as nuvens!...

Aqui está o seu retrato...

Começo a folhear
o album das minhas illusões...
Numa pagina azul-esmaecida
leio esta pergunta:

— Por ventura ainda existe
o amor que redime,
o amor que sublima?

Olho suavemente o seu retrato...

E a minh'alma responde.
— Talvez...

VIEIRA DE MACÊDO

Dignidade de Amor

Que farias, meu doce amor, se um dia,
vencido, eu fosse te bater a porta?
— Somente a gelidez funerea da agua
morta
em teus olhos veria?...

Onde o amor eterno que me juraste?
— Eu nunca te jurei amor eterno;
sinto, contudo, numa angustia incerta
e vaga,
que essa paixão não se apaga,
como o sol contra quem nada conse-
gue o inverno...

Prometteste demais.
— Ninguém pôde dispor do coração.
Se fosse assim
então talvez que tudo isso mudasse:
— eu, p'ra poder viver, não te amaria mais,
e tu, por compaixão,
devotarias a alma toda a mim...

Sozinho arrastarei com todo o sofrimento.
Esse maldito orgulho que alimento
exterminar-me-ia
se um dia, eu vencido me humilhasse
a ir bater tremendo à tua porta,
sentindo, indiferente
em teus olhos de luz, unicamente
boiar a gelidez funerea da agua morta...

OSORIO DE ANDRADE

Minha garota d'olhos de velludo...

Minha garôta d'olhos de velludo
você é a mais linda da cidade:
Em seu corpo, em seu beijo, em tudo, em tudo,
ha um "it" que me dá felicidade...

Seu corpo tão pequeno de boneca
é bem um bandolim todo encantado,
e a gente ao ver você sente que peca
sentindo essa delicia do pecado...

E por isso eu lhe quero bem: porque
você é linda e gosta do que escrevo:
versos que glorificam a você
e se desfolham como a flor de trêvo...

E eu vivo assim, meu lindo e santo amor,
pelo mundo buscando pra lhe dar
coisas lindas—eterno sonhadôr!...
nesse desejo louco de sonhar!...

Felicidade—coisa inconcebida
que se procura por entre os escolhos:
eu vejo-a toda o dia na Avenida
na alegria febril desses seus olhos...

Felicidade, Amor, Sonho, Tristeza,
você é tudo emfim, todo o Universo,
porque resume em si toda a beleza
e todas emoções que ha no meu verso...

Você resume em seus olhos a vida
e nessa vida tudo, tudo emfim:
a historia duma lagrima caída
e dum sonho só feito para mim...

Minha garota d'olhos de velludo
você é a mais linda da cidade:
em seu corpo, em seu beijo, em tudo, em tudo
ha um "it" que dá felicidade...

ALVARO LINS

tenho levado viajando; conheço todas as partes do mundo, regiões inhospitas, fiorestas em cujo solo encontrava sempre os rastros do tigre e do indio bravo. Quantos encontros terriveis com feras ou com selvagens, nos quaes mais de uma vez cheguei a desistir de lutar e a entregar-me estoicamente á morte? Mas não queria augmentar as pulsações dos vossos corações, nem ouvir-as saltar esses gritinhos de pavor que alias, deixam-nas sempre mais bellas e appetitosas. Por isso contei-lhes uma pequena aventura, em que o sangue não pontilhava o rastro dos heróes.

— Vamos, vamos, interrompeu, implacavel, madame Lebrão, conte-nos alguma cousa de sensacional.

— Pois vou contar-lhes o que se passou commigo numa cidade da India.

Certa vez, num dia de grande calor, não me tendo sido possível dormir á sésta, pela alluvião de mosquitos que disputavam o prazer de saborear-me o sangue --- fui dar um uma volta por um bosque situado nos arredores.

Quando já estava disposto a vir-me embóra, numa volta do caminho dou com uma serpente agachada. Seus olhos pareciam fitar-me. Percebendo que se tratava do exemplar de uma especie perigosissima, estaquei interdito. Que fazer, si não trazia armas? Recobrando em parte a calma, adiantei-me um pouco e passei por onde o bicho se encontrava, desviando-me, está claro, o mais possível. Quando me vi com o caminho livre na minha frente, respirei. E puz-me a andar apressadamente. Num dado momento, lembrei-me de olhar para traz, e que vi? A vibora acompanhando-me a curta distancia. Parei, gelado de terror e notei que por sua vez, o reptil se immobilizava. Como felizmente, sou mais curioso que medroso, tão extranha attitude começou a intrigar-me. Continuei a andar e a serpente imitou-me. Parei e voltei a caminhar, duas, tres, quatro vezes, e a serpente atrás, observando sempre a mesma distancia. E esta! pensei, isto não deixa de ser engraçada. Vamos ver no que darão todas estas manobras. Encaminhei-me resolutamente para casa, sem deixar de voltar-me de vez em quando, obsedado por aquelle estranho companheiro, que continuaria a seguir-me, imperturbavel.

Quando cheguei em casa, esperei a porta. Ao aproximar-se a serpente, entrei e este, sem um momento de indecisão, acompanhou-me.

Já está a familiarizado com aquelle animal! O mais que me pôde acontecer é morrer envenenado de uma dentada, pensei,

e a satisfação da curiosidade que de mim se apossara valia o risco.

— Bichinha, que quererá de mim? Comecei a falar com aquella cobra, como si tratasse de um velho cão amigo. Agarrei um prato, enchi-o de leite e pul-o a um canto. O meu hospede não fez ceremonias.

Dar-se-ia o caso de ser eu, sem no saber, um fascinador de serpente? De posse de tão auspiciosa verdade, que triumpho não seria capaz de obter junto ás mulheres! Que magnifica revelação!

Sentei-me a ler e acabei esquecendo o perigoso visitante.

Ao deitar-me, uma imprudencia dormir com aquelle monstro dentro de casa. O melhor seria matal-o. A essa idéa, estremecei, como si premeditasse um crime. Reamente, não seria uma perfidia matar aquelle animal que me estava offerecendo tão commovedoras provas de carinho? Enfim, veria o que havia de fazer. Puz-me a procural-o e não o encontrei. Bati todas as dependencias da casa e nada. Que ailliviol exclamei. Naturalmente fingiu para o matto, Assim ao menos dormirei sosegado. Era o que eu dizia, mas, no intimo, não me podia furtar a uma grande decepção. Afinal, a serpente tinha sido uma ingrata. E adormeci contrariado.

Lá pelas tantas da madrugada, despertei com um ruido exquisito. As voltar-me na cama, dei com a mão numa cousa viscosa. Abafei-me num grito e encolhi-me todo: era a serpente! O ruido, porém, continuava e vinha do lado opposto do quarto. Apurando o olhar, lobriguei um vulto humano agachado deante da commoda, forçando uma gaveta. Atirome ao ladrão mas este afasta-me com um empurrão violento e foge. Nisto, ouço um assobio que partia da janella. Aproximo-me e que vejo? Era a serpente que vivava a patrullia.

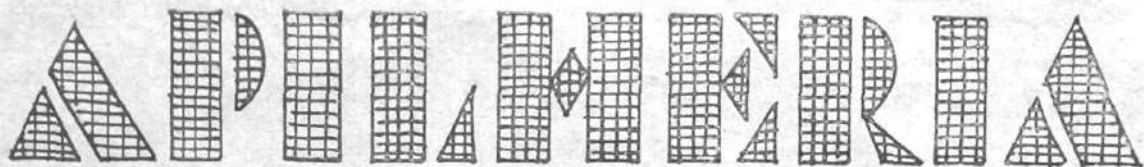
“ CARRO DE BOI. ”

lá vão os carros de boi subindo a serra
gemendo e cantando
as rodas pesadas rodando na terra
e o carreiro na frente a boiada clamando:

«labarêda fidalgo imperador sansão»
pra frente «bêia»!
e a pontá fina do ferrão
comendo as carnes duras da «sarnêia»

pelos curvas do caminho pleno verão
o carreiro anoiado
vai voltando a boiada «labarêda fidalgo sansão»
em busca da pastagem do cercado

Mac Dówel Montenegro



P 830

ANNO X

LETRAS — ARTES — MUNDANISMO

RECIFE-PERNAMBUCO

NUMERO 415

5 DE OUTUBRO DE 1929

DIRECCÃO DE: PORTO DA SILVEIRA E FERREYRA DOS SANTOS

Conquistista

Ha um bocado de tempo que eu andava dando em cima de D. Felicidade. Quando eu encontrava ella na rua, no bonde, no cinema, chegava pra junto della, e olhava... olhava... Dizia tanta coisa... que ella era a mulhier mais bonita da cidade... que eu estava seriamente impressionado com os modos della... e uma porção dessas coisas que a gente não sabe como diz... e quando diz repete... porque já disse demais com os olhos... E a tal zinha nem nada... nunca me ligou... Alids eu só dizia o que dizia porque haviam me fallado umas cousas... que ella entrava na vida dos outros sem ser esperada... e até sem ser chamada...

Eu então.. Mas nunca arranjei nada... Cheguei mesmo a deixar ella de mão... E resolvi não ligar mais D. Felicidade...

Agora... outro dia eu estava no telephone... e recebi um trote... "Advinhe quem está fallando?"...

Mas depois eu conheci a voz e... nem foi trote nem nada...

Bem que me tinham dito...

E' só a gente não ligar...

COELHO DE ALMEIDA

SAUDADE

(Mauro Lins e Silva)

Saudade é o chrôo do coração.
Chôo sem lagrimas, que o coração encerra em estado latente no seu amago, e o sentimento o desperta para interpretar o sylvo da cyrenne dum vapor que zarpa, ou o echo tenebro do repique dos sinos:

« Campanas de Bastabales
cando vos oxo tocar
morrome de soedades ».

E' a emoção que a alma sente, no enterro do dia, na hora da melancholia:

« A tarde vem, toda malenconia
a luz esvaise pol-o ar diáfano,
ouro divino as poulas teceu
do piñeiral lonjano.
Min'alma ou, como ela e triste
sintindo a vida latejar en si,
querendo ser con plenitú d'essencia
n'un eterno vivir! »

Ha uma outra saudade — saudade*concreta, a que nos appareceu sob a forma de flor.
E' uma modalidade da saudade sentimento, porque, á beira do tumulto, é uma lagrima crystallina derramada pela natureza...

Amor Brasileiro

A gente no Brasil ama com mais amor...

Sob a luz deste céu onde chora o crepusculo
e sorri a alvorada,
a gente sente a alma enamorada
E o coração maior...
Céu onde a noite sonha com as estrellas,
e o sol — fukir extranho —
retalha o corpo todo e se ensanguenta
nas tardes amarellas...

"...nossos bosques têm mais vida,
nossa vida em teu seio mais amores."

Bandeira do Brasil! Estandarte do Amor!
Verde: a esperança de amar e ser feliz...
O dourado de sol
— o ouro das illusões e das chimeras...

E, bem no meio, um coração turqueza
— coração do Brasil —
como um lábaro azul de sonhos de amor...

Marshal Fialho



Carlos José da Silva Sá filho de
Manoel Carlos de Sá Izabel
Silva Sá que completou 3 os
no dia 12 do mez passado e
sua irmã Djanira.





D. Maria Emilia Pereira de Souza fez annos e o "Collegio Santa Margarida" que ella dirige proficientemente, agitou-se para offerecer-lhe flores e mimos.

D. Maria Emilia é um idolo entre as suas discípulas e um motivo de alegria para os seus amigos.

— D. Maria Emilia entre as suas alumnas.

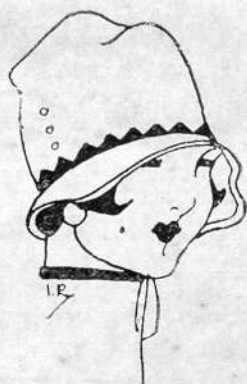
—Um grupo de amigas, ex-alumnas e professoras do "Santa Margarida" cercando D. Maria Emilia.

— O corpo docente daquelle educandario.



A prova disso é que, além dos seus innumerables amigos, a anniversariante recebeu a mais expressiva demonstração de amizade e carinho por parte das alumnas que tiveram de abandonar o "Collegio Santa Margarida" por acto da reforma do ensino.





A
C
H
A
P
E
L
E
I
R
A

E
S
D
R
A
S
F
A
R
I
A
S

Minha vizinha é chapeleira.

Faz carapuças para botar na cabeça de todo mundo:

é verde,

é amarella,

é encarnada,

é de todas as cores.

Tem graça! Até parece que ella falla da vida

alheia e modela as carapuças de seus chapéus dando a língua na vida de todo mundo!

É conversa fazendo carapuças:

— Maria Eulália tem a vida verde.

A sua esperança é uma flôr, não é um insecto.

Que linda vida a de Maria Eulália!

— Maria Augusta conversa com um rapaz que é damnada! E' na esquieta é no balação, é no bonde... Tomara que aquillo já se acabe. Chega a me aborrecer.

— Maria Paula, não. Maria Paula é doída por vestidos lindos e sapatos ricos. Da beijos por elles e anda em baratinhas de sujeitos dinheirosos. Maria Paula que é isso! Um dia você cae...

Vizinhas, vizinhas! Não molete cores de vidas pelas tintas de suas carapuças, que as carapuças ha muito tempo são modelos de vidas alheias, que o mundo deve nas suas diferentes Chapelarias...

Não ponha mais carapuças na cabeça de ninguém, Menina!

roll—film

Olá, Andréa,
que surpresa agradável
e boa
você me deu...
depois de tanto tempo
de silencio,
afinal,
afinal você apareceu!...

que ausencia foi essa,
que lhe afastou de nós
por muito mais de um mez...
você nem sabe.
a falta que a *roll-film*
você fez!...
na sua ausencia
houve o diabo
cá por casa,
surgiu-nos tanta gente
pela prôa...
a Dora, a Graciola,
o Manequinho
o primo Juca,
Mas nenhuma dessas
Como você,
tão *bôa*!...

o roll-film,
quasi andou as môseas,
apezar dos esforços,
de nossa parte,
esforços sempre inuteis...
pra vencer
a tolice, e a falta
de bom gosto
dessas creaturinhas
futeis!...

Agora
eu vejo, Andréa,
quanto você é necessaria
nesta secção...
toda a vez que você surge
em *roll-film*



a revista é commentada
Com sofreguidão!...
Si é por causa das cartas
azues e perfumadas
que você manda
a Sylvio Ney...
Ou si é por causa
dos telephonemas
pra o «doutorzinho»
flá o, é que eu não sei...

O que eu sei
como verdade pura
e inabalavel
verdade que não teme
protesto de ninguem
é que você,
como um pedaço que é,
vale um bonde grande de Varzea
com reboque
ou mais ainda —,
um trem!...

RETALHOS DE CHITA . . .

Minha amiga:

A sua carta côr de Janbo me fez um grande bem.

Pela delicadeza de sedosa de suas palavras, pela beleza que você fez derramar de sua alma encantadora para o papel, e ainda pelo perfume, ah! o perfume que você escolheu...

Subtil, Suavissimo, mas penetrante como o olhar de certa mulheres que eu conheço.

Tudo que me veio de você, naquella carta n'agnifica, foi como que, um balsamo para a hora de angustia e incerteza em que errava dentro da vida...

Ah! minha amiga: Horas ha, na vida em que com os olhos abertos, bem abertos, a gente não vê nada do mundo que nos rodeia. É a cegueira milagrosa dos que têm um mundo interior para viver...

Nunca lhe sucedeu isto? Pois a mim varias vezes.

Inda ante-hontem, quando a sua carta me veio, eu estava assim...

E porisso, foi-me impossivel mandar os versos que você pede. [Não teria, de modo algum, inspiração para fazer-lhe uns versos como você merece.

E lembrei-me de mandar-lhe estes deliciosos versos de Jules Marthold, que dizem sinceramente do meu estado d'alma.

NUIT D'OR

Nul bruit, nul cri nul choc dans le grands prés
de soie,
Où tout rit et sent bon sous le ciel bleu do soir,
Où saut le ver qui luit, on ne peut plus rien voir,
Où, le chat-linx des bois va, court et suit sa proie:

La voix des nids en chr dit son pur chent de joie,
Un cerf boit à sa soif, au guet, l'eau du lac noir,
Au pan creux d'un vieux mur dort en paix un vieux loir,
Et sous les feux de juin tout rit tout croit, tout ploie.

Un veni caud des blés mûrs fait un îlot de la mer

Et sur les monts des pins ont sent longs bras de fer,
Sur un roc nu la tour plus que le roc est vue.

Doux et forti, oeil mi-clos, roi du sol, un boeuf pait.
Il pleut sans fin, croit-on, des clous d'or en la nue,
Le temps cour, le temp irit la nuit meurt, le jour naît.



LENITA !... que sorriso bonito o seu... Conta pra gente essa alegria, Lenita...

Como estes versos encantadoramente monosyllabicos de Marthold, eu tambem tenho agora a alma, numa vontade immensa de dizer-lhe.

Sim...

Mas... minha amiga...

Você leu o que 'escreveram para você e não entendeu.

Isso mesmo. É outro modalidade de sua personalidade. Eu, porém: que compreendo bem onde **você** quer chegar fecho-me em copas.

Ainda me não esqueci daquella vez em que **você** para conseguir o que eu não queria dizer usou de regras pouco leaes. Sim, pouco leaes digo bem pela oportunidade e pelas circunstancias de que se revistiram as consequencias.

Depois aquella creatura de azul, ficticia, ideada por **você**, não passou absolutamente pela minha vida. Ah, a minha vida, garota!... Si **você** a comprehendesse, nem formularia [dessas occasiões para justificar uma coisa que nem **eu** nem **você** tivemos coragem ainda de dizer...

O mais... o mais é a eterna, a deliciosa mentira da vida!...

E creia que, si não fôsse ella, as verdades mais puras não se revelariam...

É paradoxo mas é verdade, ouviu?



Dr. Arnaldo Marques, assistente de Clínica Médica da nossa Faculdade de Medicina, que acaba de se inscrever para docente livre com um esplêndido trabalho sobre "Velocidade de Sedimentação".

Olhos que assassinam

A li., Minha Querida.

Esta é uma história que vem vivendo commigo, na solidão esquecida que é a minha alma antiga. É um pequenino romance de torturas que levou ao tumulto um coração, cujo erro maior foi ter amado muito, mas muito, como poucos amaram na vida. Chamava-se ella Esther. Delle já não me recordo bem. Era franzina, tristonha, flôr colhida á beira de uma rua sem familia sequer. Acharam-na pequenina, tirintando de frio, abandonada. Quando a conheci, era mocinha e eu abria os olhos para o mysterio que paira no rosto das mulheres, para este sentido occulto que ha no homem, para esta maravilha de um coração plasmado por Deus para se unir a um outro que elle proprio collocou pal-

pitando ao nosso lado para o enigma divino do amor,

Esther tinha olhos profundos, mares de ondas oleosas e negras, que fascinavam, que attrahiam, irresistivelmente. Guardo connigo a saudade daquelle olhar que jamais vi na vida, profundo e immenso como deve ser a felicidade de quem os possesse contemplar, de abysmar-se nelles eternamente.

Elle era feio, rachitico, pois contrahira a tuberculose aspirando os saes de chumbo da typographia em que sempre trabalhara. Os contrastes possuem o poder das forças contrarias e elles amaram-se loucamente... fugindo juntos, certos de que o mundo se abriria em rosas sob os seus pés.

Veio a policia, veio o escandalo, vieram as linguas, as lutas e no meio dellas, quando de toda aquella maravilha só restava o brilho daquelles olhos divinos, a tuberculose terminou o seu mandato e elles, os lindos olhos de Esther, quejaram-se no ardume corrosivo das lagrimas á beira de um tumulo pobre.

O velho que a encontrara pequenina na calçada e como sua filha a tinha creada, embranquecida pendia para o chão a sua cabeça exausta de viver, á espera que a terra se lhe abrisse num ultimo descanso. Um dia bateram-lhe á porta:

- Quem é?
- Sou eu.
- Alguma esmola?
- Sim, a esmola do seu perdão..
- Do meu perdão?

E tremulo, de olhos abertos diante do phantasma de sua filha adoptiva, teve apenas um gesto abriu os braços para abraçal-a... Elles, porém, não conseguiram alcançar a figura de Esther maltrapilha: o esqueleto, da morte interpoz-se entre os dois e o velho pae



Dr. Coelho de Almeida, assistente da nossa Faculdade de Medicina, e que apresentará este mez uma magnifica these sobre "Da Hemogoniometria" á congregação daquelle casa de ensino, para concurso a docencia livre de Histologia.

morreu na admiração horrorosa de rever naquelle estado a sua Esther de outrora!

Como eu sou funebre minha querida, como sou um mar de angustias! Que fazer? Tenho no coração todas as aguas infinitas da tristeza e quando não me gotejam dos olhos, caem-me da penna em historias tristes. É que antes de Esther fôsse tão infeliz no seu amor a mim me havia infelicitado, apunhalando-me o coração com os seus olhos profundos. Quem me dera sentir sob este burel de irade esse coração que Esther apunhalou! Tu verias então esta penna empunhada não por um amargurado monge, mas por um audaz cavalleiro trovador, menestrel invencivel no galanteio ás dez formosas, sob esta cupola flammante dos ceus do Brasil.

Querida! Ha olhares que assassinam. Fita bem o teu espelho não queiras, como Esther, arrastar nas aguas dos teus olhos, as lagrimas dos que morreram de tanto os desejar para si.

São Paulo, 1929.

F. DE FRANCISCO DA SIMPLICIDADE.

O meu retrato



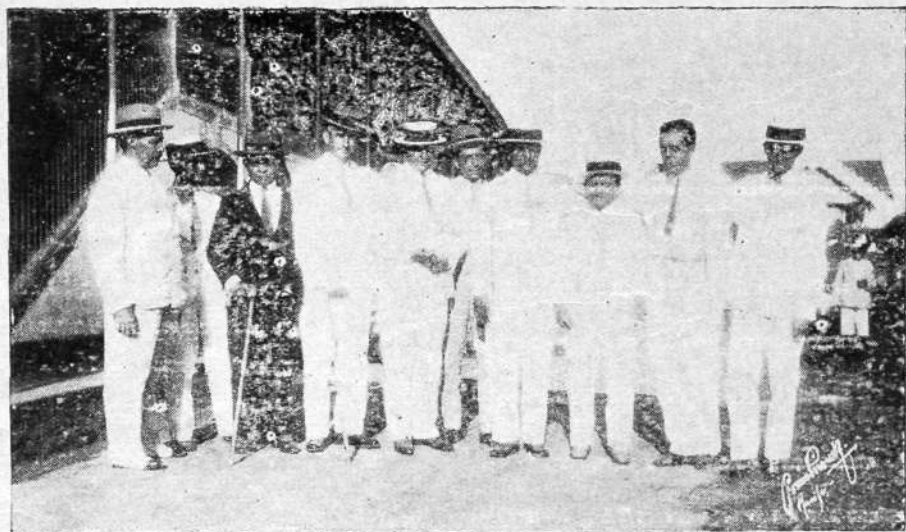
Sou alto, magro, myupe e desdentado,
Meu rosto é muito chato e côr de barro:
Dizem que sou (somente quando escarro)
Tuberculoso quasi consummado!

No entanto, eis-me comprindo o triste fado
De fazer versos e fumar cigarro...
Nesse ambiente feliz e assás bizarro,
Aonde sou—qual Tymon—sem apontado!

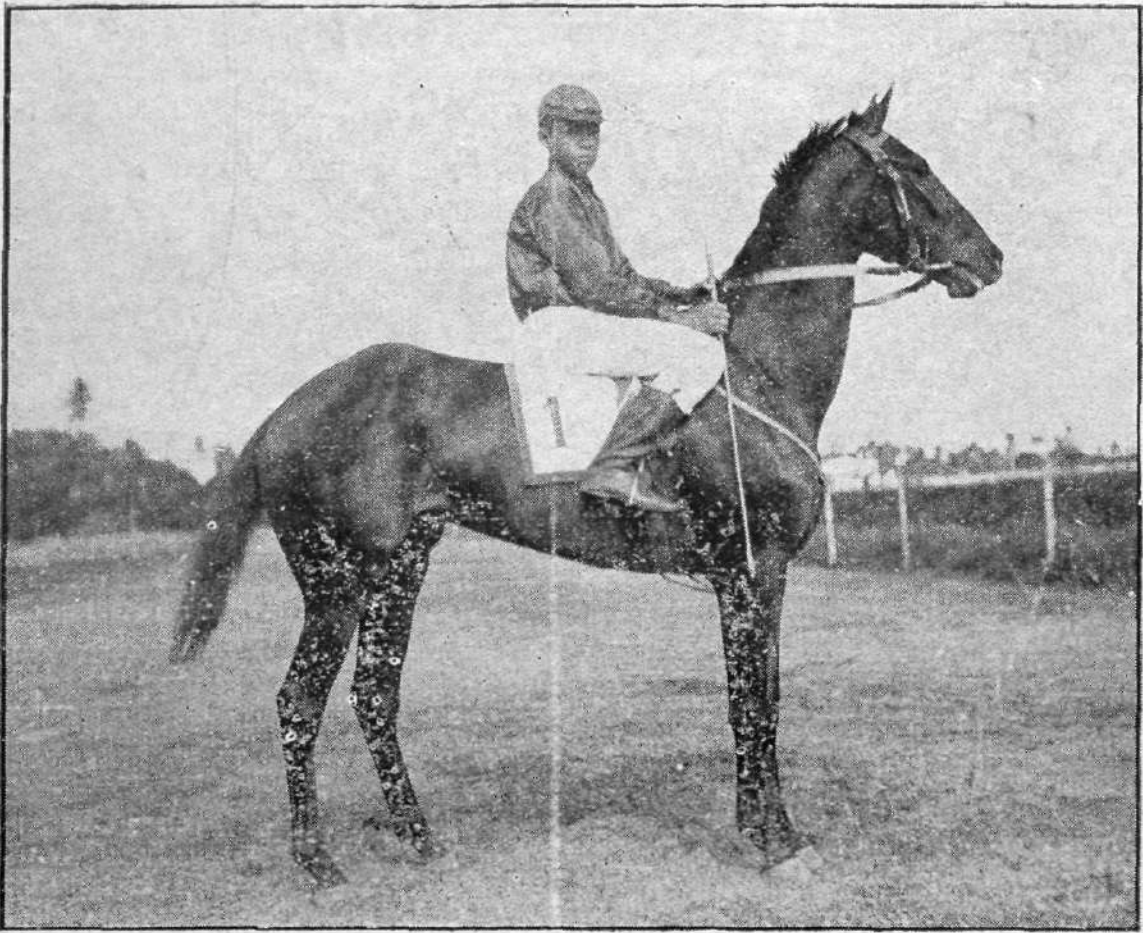
O meu sem.lante é triste e a vida inteira,
Mas a min'alma vive prazenteira,
Porque nem sabe se este murido presta!

Dentrs de mim, a mûsa vive em festa...
Deixei de usar chapéo; alguém protesta:
...E, quem já viu chapéo numa caveira?...

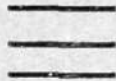
MOURILLO BUARQUE



Instantaneo apanhado no ensilhamento do Jockey Club
por occasião da ultima corrida



**NO PRADO DA MAGDALENÁ — MIDINETTE, vencedora do 4.º Pareo
nas últimas corridas.**



DOCUPIA DAS ONDAS

Aos ouvidos do mar, a areia fala...
Parece assim dizer — Mar, eu sou tua!...
E esse perfume quente que se exhala
Vem das ondas, de ti, ou vem da lua?

Areia branca... O mar tenta alcançá-la.
Ao longe, linda, uma visão fluctua...
Eterna amante! O mar vem desposá-la...
A areia é branca como a carne nua.

Carne alva e nua de mulher. À areia
Foi feita para o amor que me incendeia,
Amor que prende nos seus fortes laços.

O' carne branca de mulher! Meus beijos
São as ondas do mar dos meus desejos
Morrendo na alva areia de teus braços!

PAULO DE FREITAS

Romantico

Longe de ti, a minha vida
Pobre vida... Vida angustiada...
Folha secca que o vento do destino
Jogou na margem triste de uma estrada.
Longe de ti, tenho a alma envolta
Num burel de monge.
Saudade... Em ancias, olho o céu.
O céu está longe...

Junto de ti,
Quando nas horas lindas de felicidade
Teus olhos nos meus olhos ponho
E as tuas mãos nas minhas mãos aperto,
As horas vão passando... Eu olho o céu.
O céu está tão perto...

O céu está tão perto... Estendendo as mãos.
É como quem colhe uma flôr,
Eu colho um estrella.
Eu te ofereço a estrella... Meu amor...

PAULO DE FREITAS



Melle. faz os ultimos retoques
de elegancia no espelho... da
nessa objectiva.



O L I N
O sol é o homem mais
chega o verão
Quem manda nessas ga

A Collaboração

de gente inteligente de
Bahia pra "A Pilheria"

Vae se espalhando pelo ar envidrilhado
um pouco do éter da tarde
As folhas beijam-se num rodopio suave
de bailado exquisto

E na calçada,
aos gritos da meninada,
o pião dança.
Dança ligeiro,
ondula
e treme
dorme...
Treme de novo.
Ondula,
rodopia
e roda,
bamboleando-se no rodopiar do seu bai-
lado singular

Vae se espalhando no ar o cheiro sen-
sual da noite.

Na meninice, a vida da gente faz piruêtas
na *infieira* leve do pião que dança.

É o pião dança e dorme sereno...
É o pião baila orgulhoso.

No céu, de mãos dadas, as estrellas veem
imitar o pião.

O MEU POEMA

DE ONTEM

EURICO - ALVES

S
O
C
I
E
D
A
D
E



R
E
C
I
F
E
N
S
E

Os guisos das minhas dores

Ella se foi para o hospital um dia
E alguém me deu essa noticia, alguém.
Nos meus olhos morreu toda alegria...
Eu ,em sei que não posso querer bem.

E quantas vezes ao seu quarto eu ia
Em busca de saber della também! ?
E quantas vezes eu de lá sabia
Sem que sorbesse della por ninguém! ?

Voltava em prantos para a vida em risos
Era um palhaço a rir banhado em prantos
Das minhas dores agitando es guizos...

Nunca mais me sahiu do pensamento
Essa que é a vida agora dos meus cantos
E que faz amar o sofrimento.

Oscar Brandão

Bilhete prá minha garota...

li

— Você sabe? Andei revendo hoje os seus retratos. Aquelles cinco que eu tenho de você...

E apesar de você estar tão longe, meu pequeno idolo, eu tive por momentos a illusão feliz de que você estava bem juntinho de mim...

Quase até que dizia o seu nome... Mas não disse... Porque queria continuar na illusão de que era você mesma...

Revi-os todos. Um por um. Demoradamente.

Aquelles dois eguaes de você sorrindo. Aquelle de você não sorrindo. Aquelle outro de você aos treze annos. E também aquelle de que eu gosto mais. O de você em tarda de normalista...

Meio-moça. meio-menina, com esse seu arzinho eternamente garôto de estudante intelligente (que não gosta de estudar...). ali, você é tal qual como você mesma...

E mais aquelle seu «toupet» deliciosamente cácterístico, na testa...

E a sua attitude interessante de menina moderna...

E os seus olhos... (porque é que os seus olhos estão tão suaves nesse retrato?)

Finalmente todos aquelles pequenos «its» que são perfeitamente seus...

E depois, minha garôta querida você nem sabe a melancolia invençivel que me trouxe a saudade grande de você...

Revendo os seus retratos, eu comecêi a me lembrar das nossas alegrias e venturas que já passaram...

Reconstrui, um por um, dentro da memoria, os nossos castellos n'areia de namorados...

Eram sorrisos seus... Palavras, minhas... Palavras suas... Lágrimas... Muitas outras cousas... Versos... Muitos versos... Todos os meus versos de você e para você...

E eutão, minha garôta linda dos olhos negros, você nem sabe também como eu liquei pensando no nosso romance, quase como os outros todos, em que «era uma vez... dois amiguinhos...»

Recife, 24-8-29.

AMERICO D'OLIVEIRA

ÇABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO
SEGREDO CUSTOU 200
CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botânico dr. Ground, cujos segredos foi comprado por 200 contos de reis

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1. — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2. — Cessa a queda do cabelo.

3. — Os cabelos brancos descolorados ou grisalhos, volvem á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4. — Detem o nascimento de novos cabelos brancos.

5. — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabelos

6. — Os cabelos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogeries, perfumarias e pharcacias de primeira ordem.

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR AOS ESTRANGEIROS

A venda em todo o Brasil e nas

Perfumarias LOPES

RIO - SÃO PAULO

S-O-C-I-E-D-A-D-E

A Carvão

Naquella tarde você estava impossível, garôta. Que é que você tinha? As suas palavras possuíam uma dose excessiva de ironia e até o timbre de sua voz era afinada por um diapásão de intenções inferrompídas, reticenciadas.

Nunca eu vi os seus olhos assim. Os seus gestos. Tudo. Tudo em você era fóra do commun.

Eu, estava contente não sei com que. Com os seus modos?

Não. Com aquella garôta toda de vermelho? Sim. Foi ella, sim, que me tornou contente, pela revelação que me fez, quando você contava para o dr. Z... a historia da cronista elegante da cidade. Por que?

— Ora porquê...

Porque, naquelle «ambiente» falar-se de semelhante senisaboria, só mesmo a gente ficando contente, muito contente, para que se não vá dizer que a gente é um moço presumçoso, cheio de si... não acha?

Foi por isso que eu fiz uma força formidavel para emprestar aquella roda, o meu melhor «sorriso de Adão»...

Mas, creia que fiquei encabuladissimo quando você, após toda sua tagarellice, poz os três dedos esguis e alvos na boca entreaberta num «bocejo» lindo e olhando-me com os olhos cheios d'agua, como uma creança que tem somno, disse-me: Boa-noite, Gil.

GIC

ANNIVERSARIOS

FIZERAM ANNOS:

No dia 30: o conego Jeronymo de Assumpção, vigario da Boa-Vista; d. Sylvia Barroso, esposa do illustre dr. Renato Barroso, enge-

nheiro-cheie do districto Telegraphico; o sr. Augusto Moreira, despachante da Alfandega. No dia 1— d. Antonia Bandeira Reis, esposa do 1.º tenente do exercito Raul Gomes da Silva Reis; d. Jahyra Pamplona Moreira, dilecta esposa do dr. Octavio Moreira, illustre clinico nesta cidade; d. Maria Duarte de Vasconcellos, professora municipal; d. Gertrudes Krause, esposa do engenheiro Carlos Krause; o major João Felix Pontual; a menina Helenita filha do poeta Annibal da Cruz Ribeiro; no dia 2: a exma. sra. d. Ezilda Salazar d'Azevedo, digna esposa do sr. Guilherme Pereira de Azevedo, esforçado secretario da Contabilidade da Great Western e chefe do movimento esportivo deste Estado; a interessante Edith, filhinha do sr. Hygino Rodrigues e o intelligente José, filho do sr. Amaro Bastos; no dia 3— a petiza Helena, filha do dr. Avelino Cardozo, medico radiologista; Carlos Fernandes, interessante filhinho do illustre dr. Carlos de Lima Cavalcanti, director do «Diario da Manhã», a senhorinha Iracema, filha do cirurgião dentista dr. Fraga-Rocha; Helio, filho do dr. Do. raçacio Walcacer e no dia 4 a senhorita Virgilia Fernandes Bezerra, filhinha do sr. Antonio Paulino Bezerra; no dia 4— Bebê, filhinha do engenheiro dr. Odilou de Souza Leão; a senhorita Herellia Guimarães, filia do sr. Octavio Guimarães; o sr. Arlindo Barros; o academico Felix Pereira de Lyra; o sr. Francisco de Paula Pinto; o sr. Arthur de Mello Vieira; a senhorita Maria Rita Saboya Cavalcanti, filha do sr. Lourenço de Albuquerque Cavalcanti; o sr. Aristides Gonçalves, auxilliar do commercio; a senhorita Corolina de Macedo Rego, filha do sr. Aristarcho Rego; o jovem Francisco José Nunes, filho do sr. Luiz de França Nunes.

NASCERAM

O menino Nivaldo, filho do sr.

Bellarmino Pereira da Silva e d. Amara Pereira da Silva e Edinalda filha do sr. Almir Candido Drumont e d. Josina Candidia Drumond.

NOIVARAM

Em Mamanguapé da Parahyba, o academico Mario Campello de Andrade e a senhorinha Adete Guedes Monteiro.

Contratou casamento com a senhorinha Maria Lucia, sobrinha da senhora d. Maria José Teixeira o sr. Severino Raymundo da Silva, impressor graphico.

DIVERSAS

No salão de honra da Associação dos Empregados no Commercio, realizou na ultima terça-feira a sua annunciada conferencia sobre o suggestivo thema *Figuras de Romances* o nosso illustre conira-de paraense dr. Severino Silva. Assistio a palestra do brilhante homem de letras uma numerosa e escolhida assistencia.

VIAJARAM

Do Rio para o Recife o illustre dr. Antonio Carneiro Leão, recém-nomeado secretario do Interior e Justiça deste Estado; o dr. Arthur Marinho, advogado nesta cidade; do Recife para o Rio, a senhorita Yolanda Azevedo; da Europa para o Recife, o sr. Oscar Ramos, da firma Alves de Britto & Cia., esposa e filhos.

Para o Rio de Janeiro seguiu ante-hontem pelo *Arapatuba* o illustre dr. Antonio Souto Filho, senador Estadual e prefeito de Garanhuns. Figura de relevo no nosso scenario politico o dr. Souto Filho, viajou em companhia de sua exma. consorte e filhos.

Farinha de Lourdes

É um producto constituido de substancias farinaceas e feculentas, cuidadosamente expurgado da mais leve impureza e adaptado, de preferencia, a alimentação da INFANCIA, dos convalescentes e das " senhoras que amamentam " É um alimento fresco, facilmente assimilavel e poderosamente nutritivo

A FARINHA DE LOURDES
é, em qualquer idade, ministrada com o melhor proveito.

A FARINHA DE LOURDES
é excellente para papas e outras alimentações.

Unicos cessionarios para todo o territorio brasileiro LABORATORIOS Reunidos de INDUSTRIA PHARMACEUTICA S. A.

Recife --- Pernambuco

O Vigario da Parochia

D
E
N
E
L
S
O
N
N
O

Dão-Dão-Dão-Dão... Nos dias de domingos a igrejinhs da vills se enfeitava toda. As moças bonitas com litas nos cabellos corrlam para a missa.

E era uma festa ver toda aquella gente reunida em torno do vigario recebendo a communhão. O velhinho, vigario da parochia, sorria, contente...

.....
Numa cabana que ficava perto lá de casa, junta ao cemiterio, no sopé da serra, morava Martha e amava. Amava ao empregado de meu pae. Um dia Martha enfeitou-se toda e o empregado tambem.

Martha era bonita — bonita e faceira. Elle João, era feio — feio e desageitado...

Entre festas e sorrisos casaram-se na igrejinha pelo vigario da parochia.

O velhinho, fazia gosto vel-o, todo sorridente abençoando o par.

Meu pae, padrinho. Minha mãe, madrinha...

Eu, pequeno, apreciava o acto.

Todos me perguntavam: «Nelson, quando é o teu?»

E ev me encabulava todo com aquella conversa de casamento...

.....
Martha, depois de uns tempos. (uns tempos porque eu não sabia contar nove mezes) teve um filhinho, bonitinho como os amores.

Mas não parecido com ella...
E houve o diabo porque o menino não parecia tambem com o pae...

Este, indignado, resolveu matar por desagravo o filho do senhor de engenho que era a cara da creança...

E, agarrando Martha pelas cabellos, arrancou-lhe a tremenda confissão do adulterio. E Martha foi pibada a faca. E o filho do senhor de engenho tambem...

.....2.....

No dia seguinte o sino da igrejinha dobrava a finados.

E Martha se enterrava juntamente com o filho do senhor ee engenho...

.....

E fazia pena ver o velhinho, vigario da parochia, todo triste, na igrejinha, encomendando os corpos...

G
U
E
I
R
A
P
I
N
T
O

O desinfectante Ideal

- PHENOLINA -

Preço de lata de 1 litro 2\$000

**Indispensavel nas lavagens de
casas e nas desinfecções**

" geraes "

canta um lundum
tão bambo, tão molengo, tão dengoso,
que Yayá tem vontade de dormir.

Com quem?
Ram-rem.

Mucamas milagrosas! Poeta mais milagroso
ainda!

E a vida corria assim, serena e mansa, nos
engenhos dos nossos avós, lá dentro do torrão.

Canta uma mucama. (Sempre as mucamas!)
Escutemos ainda um tiquinho da «MADORNA DE
YAYA». Que nós acrescentaremos — das infin-
dáveis madornas de Yayá...;

Para a mucama de cantar,
tange os plums,
cala o ran-ram,
abre a janela
olha o curral:
— um bruto sossego no curral!

Muito longe uma peitica faz si-dó...
si-dó... si-dó... si-dó...

Oh; paisagem viva e forte, que se advinha
de um meio-dia de sol quente, que corresponde a
uma preguiça comunicativa e gostosa na Casa-
grande. Pode-se até ouvir o zum-zum das varejei-
ras nos curraes ôcos. O canto da peitica marca
bem a monotonia da hora entorpecente.

Não resistimos à tentação de juntar, exa-
ctamente agora, aquelle

«bruto sossego no curral»
com o
«Cheiro de mel da casa das caldeiras

Qual, não ha duvida, tudo isso é bonito
como o diabo! Bellesa brasileira. Sentimento pu-
ramente brasileiro, nativo, forie. Jorge de Lima é

um grito de alarme para o despertar dos verda-
deiros e puros sentimentos de brasilidade.

Fallamos em brasilidade. E' certo que é
tecla já muito batida e explorada. A gente sente
que a coisa está cansando, sinão cansada. Mas
Jorge de Lima é puro e espontaneo. Por isso dá
vida nova e original aos motivos já cansados de
tão ingloriamente explorados por um punhado de
insinceros e problematicos valores poeticos do
momento.

Para citarmos outros poemas do ultimo li-
vro de Jorge, veja-se «JOAQUINA MALUCA»,
commoventissimo, «VERDE», de uma admiravel e
estupenda realidade brasileira. Canto de alegria.
De reflorescimento periodico da nossa alma, da
nossa terra, de tudo o que é nosso, com a che-
gada das aguas, no inverno. Tudo accorda, revive,
canta, veste-se de verde para a continuação da
vida magnifica e consoladora... «Mas tudo isso,
Zeia, (é Jorge quem diz) vamos dizer, só com os
poderes de Jesus Christo! E' um poema de tole-
go, dispensa elogios. Só se vendo.

«MALEITA» é outro poema admiravel. Pro-
fundamente doloroso. Focalisa uma triste realidade
brasileira, triste e commovente. Lendo-o a gente
tem vontade de gritar no fim: — Minha gente,
acode o brasileiro hospitaleiro e bom que está se
acabando de sezão!

«DIABO BRASILEIRO» é outra coisa enor-
me. E' quando a gente sente uma alegria indes-
criptivel de ser brasileiro, pra entender tudinho o
que elle diz.

O livro de Jorge é quasi todo assim: bom,
muito bom, bomzão, bonzão de véras!
E basta.

Agradecidos, bichão, pelo envio do exem-
plar que nos coube, obrigando-nos a notar, com
tinta encarnada, a nossa admiração maior.

J. G.



KOLYOHIMBINA

VÁ SEU MANDUCA, NÃO
PERCA TEMPO: VÁ A QUALQUER
PHARMACIA, COMPRE UM
VIDRO DE KOLYOHIMBINA,
ETEREMOS EM CASA
A FELICIDADE.

DÁ FORÇA AOS HOMENS,
REJUVENESCE OS VELHOS,
REFAZ OS FRACOS,
É O REMEDIO DAS JOVENS
NERVOSAS E RACHITICAS,
PODEROSO TONICO E
RECONSTITUINTE.

APP. PE. O. D. N. S. P. RIO DE JANEIRO SOB N. 359—20-2-920.

«NOVOS POEMAS»

JORGE DE LIMA

Pimenta de Mello & Cia. - Rio

Temos sobre a nossa banca de trabalho os NOVOS POEMAS de Jorge de Lima.

O aspecto material do livro é simples e agradável. Sem burundangas na capa pra gente adivinhar, nem nada. Capa clara e limpa. De uma simplicidade satisfeita que convida a gente a ler. Parece que nos diz assim: vamos, homem, aproxime-se sem medo, puxe a conversa; vá ver que sou por dentro o que apresento ser por fora. Não se arrezel que sou de casa...

E é mesmo. A gente abre e fica numa conversa sem fim: finda, pega de novo... finda, pega de novo.

O ESPIRITO DO LIVRO

O movimento em prol da nova esthetica no Brasil é, incontestavelmente, um movimento victorioso. Si não fosse victorioso como phenomeno collectivo, seria ainda pelo valor avantajado de numerosas expressões individuaes. Quer no norte, quer no sul do paiz.

Jorge de Lima, por exemplo, é uma dessas expressões individuaes avantajadas. Venceu. E venceu de maneira muito curiosa e notavel (o que representa, talvez, a face mais brilhante da nova esthetica brasileira): venceu sem sair de casa, com recursos locais. Sem ser entretanto, a sua magnifica victoria, uma victoria de bairro. Absolutamente. Tem ao contrario, como a de muitos modernistas de folego, um caracter tipicamente nacional. E porque não universalista!... Um povo que adquire expressão nacional, ganha, de logo, um lugar definido no amplo scenario mundial. Não se confunde, Universalisa-se, pois.

A presente, obra do curiosissimo poeta alagoano, é toda um baita reboliço brasileiro. Está cheia de dynamismo e sentimento. Cuida toda de um povo mesclado na cor e nos sentimentos. Povo que trabalha, ama, sofre, samba, faz feitiço e acredita em Nosso Senhor Jesus Christo até morrer. Povo que principia a ter uma influencia marcada, interessante e bizarra, nas artes e nos costumes. Exactamente agora, que começa, não sem grande espanto, a se descobrir a si mesmo.

Os modernos sentem e comprehendem isso de maneira muito carinhosa e racional. Valha-nos em tempo tão lindo e curioso despertar!

Ha poemas no livro de Jorge, que nos falam com uma eloquencia admiravel do Brasil de hontem. Do Brasil das Sinhás, das Yayas, dos rigidos Senhores e das sofredoras Mucamas. Das pobres mucamas que tinham que dar pra tudo, respondiam por tudo, aguentavam tudo, — pois que eram mesmo pau pra toda obra! E realisavam maravilhosamente tão dolorosa e commovente predestinação.

Querem ver? Entra em scena «ESSA NEGRA FULÔ», que vale por si só uma USINA de porteira fechada. Não vá aqui o poema todo não. De proposito pra assanhar a curiosidade do leitor:

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!
(Côco de Alagoas)
Motivo.

Ora, se deu que chegou
(isso faz já muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô,

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô! O' Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vae forrã a minha caima
pentear os me.s cabellos
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

O' Fulô! O' Fulô!
vem abanar o meu corpo,
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafunê,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma historia,
que eu estou com somno, Fulô!

O' Fulô: O' Fulô!

E era assim: Fulô praqui, Fulô prali, Fulô
pracula: catando cafunê em Sinhá, balançando
Yayá, contando historia pros meninos de noite,
cantando lundum... e respondendo tambem por
tudo de ruin que apparecia na Casa-Grande e na
redondeza:

Fulô? O' Fulô?
(Era a fala da Sinhá)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
Ah: Foi você que roubou

E de tão milagrosa a diaba da Fulô, termina
surripiando o Sinhô, por ter se arriscado, sosinho,
a dar na negra Fulô nuinha... (Aconteceu muito
isso naquelles tempos; com o Sinhô só não,
com o filho delle t mbem):

O' Fulô? O' Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou
Foi você, negra Fulô

«MADORNA DE YAYA» é outra joia rara
da nova litteratura brasileira. Capaz de immortalisar
o poeta. E' de uma deliciosa e delicadissima
sensibilidade brasileira.

Um pedacinho só:

Yayá está na rede de tucum,
A mucama de Yayá tange os piuns,
balança a rede,



CAIXA DA "A PILHERIA"



NELSON NOGUEIRA PINTO (Torre)—Então ficou zangado comigo, *seu* Nelson?

Não tem razão, meu caro.

O seu trabalho estava fraquíssimo. E não podia ter outra collocação a não ser na *cesta*.

Entretanto vejo que o sr. como o homem da anedocta, se resolveu sempre a arriscar um olho. E mandou um "outro" trabalho.

Desta vez, porem, teve mais sorte. "O Vigário da Parochia", está mais ou menos em forma de publicação.

O thema é velho. Batidissimo mesmo. Mas está explorado de uma forma apresentavel.

E vae ser aproveitado na primeira oportunidade.

Mas não vá dormir sobre os louros da victoria! Procure fazer coisa melhor explorando assumptos mais modernos. Senão está arriscado a voltar para a *cesta*.

E até outra vista.

MARIA DE NAZARETH (Capital)—Bom dia, minha amiga!

A sua cartinha gentil e discreta tem muita cousa boa, a ser commentada. Você deve ser muito bonita. Não é verdade?

Estou daqui a vel-a anciosa a buscar nas paginas da nossa revista o seu trabalhinho de collaboração. O primeiro trabalho como diz você.

E estou vendo tambem o desapontamento, a annunciar-lhe a face, ao enconral-o entregue a *furia dos vendavaes* da cesta.

E você certamente ha de ficar com uma raiva muito grande do Celso de Almada, que a sua imaginação idealisará um velho rabubujento a buscar questões de grammatica no commentario dos trabalhos de collaboração. Sim, minha doce amiguinha! Você deve estar a franzir os labios de despeito ante o desejo contrariado, e o *sonho irrealizado*.

E no entanto, eu estou ainda mais triste e mais contrariado que você.

Contrariado por ter sido obrigado a este gesto que, em se tratando de uma garota como você, é sempre pouco gentil.

Mas imagine você, Maria de Nazareth, se eu lançasse para as mãos dos typographos aquelle seu poema cheio de *cimbolos*, de *alvores* de *creansas* e tantas outras coisas que arrepiam a sensibilidade do espirito mais tolerante?!...



Os dirigentes da revista teriam o direito de requerer a minha reclusão ao palacete da Tamarineira, por tempo indeterminado.

E você estava bêm arriscada a ser consagrada entre as intellectuaes conterraneas.

Por isso, minha amiga, vamos deixar nas grades da cesta o seu *mimoso* poema.

Mesmo porque eu não tenho nenhum desejo de ser hospitalizado actualmente.

Si as razões que eu lhe dei acima, não forem sufficientes para lhe convencer da necessidade do meu gesto, você poderá procurar-me pessoalmente para um enterdimento melhor.

E queira sempre bêm ao.

CELYO DE ALMADA.